

O LUGAR NO CURRÍCULO E O VALOR PEDAGÓGICO DA EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

Intervenção do Grupo Disciplinar de EMRC do Externato de Penafirme na reunião de professores do Departamento de Ciências Sociais e Humanas em 09/07/2009

1 – Contextualização da educação religiosa e ético-moral na escola (ou *Que lugar pode ter EMRC no currículo?*)

1.1 – A educação moral e religiosa na escola só é compreensível no quadro e no contexto de uma concepção de escola que se assuma como responsável pela **educação INTEGRAL da pessoa**. Se assim não fosse, a escola poderia legitimamente rejeitar esta componente da educação, argumentando mais ou menos nestes termos: *A educação moral e religiosa reveste-se de uma tal especificidade que ultrapassa o âmbito do quadro das responsabilidades da escola. A escola não se pode sentir responsável por isso. Isso é da responsabilidade das Igrejas ou das outras instituições religiosas...*

Porém, a partir do momento em que a escola assume a responsabilidade de ser *motor* de uma educação *integral*, então ela não deve nem pode desprezar nenhuma componente essencial da realidade humana. Ora a moral e a religião são componentes essenciais da realidade humana.

1.2 – E hoje a atenção a esta componente merece especial cuidado no contexto da escola. De facto, uma *leitura* profunda, abrangente e lúcida da complexa realidade sócio-política que hoje vivemos implica e exige o desenvolvimento e o aperfeiçoamento de competências de aquisição e utilização de conhecimentos relacionados com o fenómeno religioso. Isto é tanto mais necessário quanto mais vamos constatando que o *senso comum* vai impondo uma visão preguiçosa, superficial, redutora e perigosamente simplista de fenómenos complexos, como o do conflito israelo-palestiniano, à qual não é alheia a ignorância religiosa e a exibição patética dessa ignorância. Por isso é que algumas vozes insuspeitas, como as de Mário Soares, Umberto Eco, etc., vão alertando para a urgente necessidade de, nas escolas, se proporcionar aos alunos o estudo das religiões. Lê-se no enquadramento geral do programa de EMRC: *“Observando o mundo actual – com as suas múltiplas tensões, contradições, avanços e recuos – é de notar a importância do conhecimento religioso para compreender os fenómenos sociais. Muitos dos conflitos procuram fundamentar-se em perspectivas religiosas (...). Mesmo a violência que usa o religioso apenas como pretexto, uma vez que as suas motivações mais profundas são de outra ordem, requer um conhecimento das tradições religiosas que torne o mundo compreensível e facilite a superação de situações geradoras de tensões e conflitos. As crianças e jovens precisam, mais do que nunca, de um conhecimento sério do fenómeno religioso, tanto das suas potencialidades conflituais, exploradas por fanatismos radicais, como principalmente das suas potencialidades no sentido da construção de relações baseadas no entendimento e no encontro entre todos os seres humanos. Não é possível compreender muitos dos eventos internacionais sem uma clara referência ao religioso e às suas múltiplas manifestações”*.¹

1.3 - O que acabamos de referir em relação à problemática religiosa aplica-se de igual modo às problemáticas de natureza ética. De facto, há hoje *novas* problemáticas de

¹ Programa de Educação Moral e Religiosa Católica, SNEC, 2007, p.13.

natureza *ético-moral* (algumas muito complexas e susceptíveis de múltiplas abordagens) que exigem uma reflexão séria e fundamentada.

2 – A educação religiosa e ético-moral no Externato de Penafirme

2.1 - Sendo o Externato de Penafirme uma escola da Igreja, parece evidente que, no seu projecto educativo e na sua acção pedagógica, ele assuma como seu dever fundamental a educação religiosa e ético-moral, a partir da perspectiva cristã. É dentro deste contexto que proporciona a TODOS os alunos a frequência das aulas de EMRC.

2.2 – Se, no campo dos princípios, esta opção do Externato parece inquestionável, a sua aplicação prática pode, no entanto, ser questionada. E, de facto, há alunos e pais de alunos que, neste campo da aplicação prática, levantam questões. A questão principal pode ser formulada mais ou menos nestes termos: *Nas escolas do Estado, a frequência das aulas de EMRC é facultativa. A verdade é que, apesar de o Externato de Penafirme ser uma escola particular e da Igreja, ele funciona, para nós, como uma escola do Estado, pois, devido ao facto de pertencermos à área de influência pedagógica do Externato, é esta escola que temos de frequentar. Ora, ao obrigar-nos à frequência de mais uma aula (com a agravante de ser uma aula de natureza confessional), coloca-nos numa situação de desvantagem em relação aos alunos de escolas estatais...*

2.3 – Lidar com esta possível (e, em alguns casos, real) objecção exige do Externato um *cuidado* e um *tacto* pedagógicos bem apurados. Destaquemos três aspectos deste *cuidado*.

2.3.1 – A designação tradicional desta disciplina foi, até há poucos anos, *Encontro*. Não se tratava apenas de uma opção de natureza *estratégica*. Era uma opção que, no fundo, exprimia a *catolicidade*, isto é, a *universalidade* da fé cristã: a TODOS os alunos é proporcionado um tempo lectivo semanal de *encontro* de perspectivas, de pontos de vista, de mundividências sobre aspectos relacionados com as problemáticas religiosa e ético-moral, criando-se assim condições para a abertura de horizontes e de crescimento da estatura espiritual do aluno.

2.3.2 – Mesmo quando o Director Pedagógico tomou a decisão de se optar pela designação oficial desta disciplina, os seus professores nunca perderam de vista este espírito originário das aulas de EMRC como espaço-tempo de *encontro*, conjugando o programa oficial com os centros de interesse dos alunos e do projecto educativo do Externato.

2.3.3 – Aos alunos que, por razões muito fortes (normalmente de natureza religiosa – principalmente os alunos que são Testemunhas de Jeová -), requeriam (ou requerem) dispensa de frequência das aulas desta disciplina, esta dispensa tem sido concedida, com a condição de que esse tempo seja ocupado com acções de valorização pessoal.

2.4 – Mas esta objecção de fundo, seja ela explícita ou implícita, tem sido assumida pelo grupo disciplinar de EMRC como um repto e um desafio, na plena convicção de que as aulas desta disciplina podem ter um importante valor pedagógico para os nossos alunos. Nós, os professores de EMRC, sentimos o peso da responsabilidade de leccionação desta disciplina do seguinte modo: *Temos consciência de que é nosso dever criar condições para que estas aulas sejam de tal modo surpreendentes e entusiasmantes que os alunos e os seus pais as considerem tão importantes que, se elas não lhes fossem proporcionadas, isso seria uma enorme e irreparável perda!....* Ou seja, temos consciência da responsabilidade de transformarmos em *vantagem* a aparente

desvantagem de, nesta escola, todos os alunos serem obrigados a terem mais uma aula semanal. Por outras palavras, temos consciência de que temos o dever de tornar cada aula de EMRC numa aula tão interessante e de tão elevada qualidade que os alunos e seus pais possam dizer: *Que pena seria se não tivéssemos EMRC! Em relação aos alunos de outras escolas, nós somos uns privilegiados por nos ser proporcionado termos aulas de EMRC!*

Temos consciência de que tem de ser assim. Pois, se assim não for (isto é, se a aula de EMRC for mais uma aula como qualquer outra aula de qualquer outra disciplina), se, na perspectiva dos alunos e seus pais, a aula de EMRC for mais uma *seca*, então teremos de humildemente reconhecer que o Externato não tem autoridade moral para obrigar os alunos a frequentar as aulas de EMRC (poderá invocar autoridade *legal*, atendendo ao seu estatuto de escola da Igreja e ao seu projecto educativo, mas não terá a mais importantes das autoridades: a autoridade *moral*)...

2.5 – Temos consciência desta responsabilidade. Temos consciência de que cada aula de EMRC tem de ser de tal forma *aliciante*, que cada aluno a deseje ardentemente, anseie por ela em expectativa entusiasmada! (E isto independentemente das suas convicções ou práticas religiosas).

Temos conseguido que as aulas de EMRC se aproximem deste ideal? Temos consciência de que talvez não ou talvez nem sempre. E, no entanto, temo-nos esforçado, temos tentado e, por vezes, até temos conseguido. Como?

- Primeiro que tudo, tentando pôr em prática o princípio já acima referido: temos tentado conciliar o programa oficial com os centros de interesse dos alunos e do projecto educativo do Externato. Os alunos, sobretudo no Secundário, têm tido um papel activo e interventivo na escolha dos temas abordados e das metodologias utilizadas. Ou seja: mesmo nas situações em que os temas são os do programa oficial ou propostos pelo professor, cada um de nós tem tentado criar condições para que eles correspondam e respondam a problemas realmente importantes dos alunos. Por outras palavras, temos procurado criar condições para que os alunos possam sentir: *Isto é realmente importante... Isto diz-nos realmente respeito... Isto tem a ver connosco, comigo ou com colegas meus...* É que nós sabemos que, se os temas abordados e os problemas levantados não forem realmente *significativos* para os alunos, eles e os seus pais poderão concluir que as aulas de EMRC são inúteis, não servem para nada ou, pior do que isso, são uma mera perda de tempo... E, se isto acontecer, é uma tragédia para esta escola.
- Em segundo lugar, temos procurado agir com o *cuidado* e o *tacto* pedagógicos que a situação de obrigatoriedade de frequência desta disciplina exige de nós. Ou seja: nós, professores de EMRC, temos de estar sempre conscientes de que, em cada turma concreta em que estamos a leccionar, há alunos que, se fossem alunos de outra escola, muito provavelmente não escolheriam frequentar as aulas desta disciplina. Mais: há alunos que, explicitamente, declaram que não têm nem querem ter nenhuma religião. Alguns dizem mesmo que nem sequer querem ouvir falar de religião. Estes alunos merecem, de modo especial, a nossa *atenção*, o nosso *cuidado*, o nosso *tacto*, a nossa *sensibilidade*... É aqui, neste campo concreto, que manifestamos se somos ou não bons *pedagogos*, no sentido originário desta palavra: o *servo* (e não o *senhor*) que *conduz a criança*... E reparem: não se trata

de ser *pedagogo* como os professores de outras disciplinas são (ou devem ser) *pedagogos*. Aqui, em EMRC, a responsabilidade do *pedagogo* é muito maior e muito mais complexa. Isto é tão simples e tão *tremendo* como isto: pela forma como agimos, podemos abrir ou fechar a porta de acesso ao *divino*!...

- Isto implica que nós, professores de EMRC, tenhamos a sabedoria e a sensatez para esperarmos o momento adequado e encontrarmos a forma adequada para acender o foco iluminador da reflexão que está a ser desenvolvida na aula. Sem queimar etapas! Porque, se queirmos alguma etapa, podemos estragar tudo, irremediavelmente! Por exemplo, imaginemos que o tema que está a ser tratado é o da dependência das substâncias psicoactivas (vulgo *Droga*). Como é que o professor de EMRC vai iluminar este tema com o foco da mensagem cristã? Talvez, a partir de certa altura, deva ir conduzindo a turma a inserir o tema no contexto de uma reflexão mais vasta sobre a *Dignidade Humana*... A partir daqui, está criada uma *atmosfera* que permite dar alguns passos fundamentais: cada pessoa é um fim e não um meio... na perspectiva bíblica, cada pessoa é importante porque é portadora do *sopro* de Deus... na perspectiva cristã, cada pessoa é vocacionada a ser *filha* de Deus... etc., etc., etc.... Outro exemplo: imaginemos que estamos a analisar um comportamento típico de uma minoria marginal relativamente ao que a sociedade considera um comportamento *normal*... Imaginemos que a turma (ou uma parte da turma) está *fixada* numa rigidez fechada na análise de tal comportamento. Estão talvez criadas as condições para que o professor faça uma interpelação do género: *Imagina que essa pessoa com esse tipo de comportamento marginal és tu. Pensa: como é que seria o olhar de Jesus sobre ti? Ou: Tenta olhar essa(s) pessoa(s) com o olhar de Jesus*... O professor de EMRC, na sua qualidade de *pedagogo* a tempo e fora de tempo ao serviço do Evangelho (sem nunca o gritar aos quatro ventos, mas no *segredo* da sua *intenção* pedagógica), criou assim condições para possibilitar uma reflexão sobre a pessoa de Jesus: a sua forma de se relacionar com os que, em relação à *normalidade* social, são considerados *marginais*, a sua motivação essencial, o seu projecto de *Reino de Deus*, etc., etc., etc.
- Eis algumas das TEMÁTICAS desenvolvidas durante este ano lectivo, numa conjugação do programa oficial de EMRC, do projecto de acção educativa do Secretariado Diocesano do Ensino Religioso, do projecto educativo do Externato, do projecto curricular de cada ano ou turma e dos centros de interesse dos alunos:

- **5º ano:** - *A Água* (a problemática ecológica, o baptismo, etc.);
- **6º:** - *O Pão de Cada Dia* (a alimentação, a fome, a solidariedade...);
- **7º:** - *A Origem da Vida* (as perspectivas bíblica e científica...); - *As Religiões Abraâmicas*; - *Educação para os Afectos e a Sexualidade*;
- **8º:** - *Interculturalidade*; - *A Liberdade*; - *O Amor Humano*;
- **9º:** - *Valor e Dignidade da Vida*; - *A Solidariedade*; - *Amor e Sexualidade*;
- **Secundário:** - *Religião e Religiões* (a Bíblia e a Ciência, conflitos religiosos, etc.); - *Temas/problemas da Adolescência-Juventude*; - *Questões éticas*; - *Questões relacionadas com a Dignidade Humana*, - *O Futuro*...

- Tudo isto passa, como é óbvio, pelo recurso a metodologias específicas que distinguem as aulas de EMRC da maioria das aulas de outras disciplinas. As aulas de EMRC têm de ser aulas nas quais os alunos têm de ter uma participação muito activa e interactiva.

2.6 – Insistimos e repetimos: nós, professores de EMRC, temos tentado proceder dentro deste *espírito* pedagógico. Temos conseguido sempre? A resposta é: NÃO! Algumas vezes? Sim, talvez, com algumas turmas, com alguns alunos, numa ou noutra aula... Com algumas turmas, talvez nunca tenhamos conseguido. Mas sabemos que é assim que devemos proceder.

Externato de Penafirme, 9 de Julho de 2009
O Grupo Disciplinar de E.M.R.C.